



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

A INTERCULTURALIDADE PRESENTE NO CORPO-TERRITÓRIO-DOCENTE TAPEBA

Autor(es): Gisane Monteiro de Andrade¹; Virgínia Holanda²; Adriana Campani³;

¹ Mestrado Acadêmico em Geografia, MAG, UEVA; E-mail: gisane.andrade@edu.sobral.ce.gov.br,

² Virgínia Holanda/doutora orientadora, MAG. E-mail: vccholand@gmail.com, ³ Adriana Campani, UEVA; E-mail: adriana_campani@uvanet.br

Resumo: O povo Tapeba na luta por afirmação de sua cultura tem ganhado espaços significativos, reafirmando seu modo de existir. Adaptando-se ao modo de vida ocidental buscaram manter viva as memórias culturais de seu povo, como uma forma de resistência, usando suas ferramentas de luta na busca por uma educação de qualidade para seu povo. O presente trabalho tem por objetivo mostrar a interculturalidade presente no corpo-território da docência Tapeba, como um campo de possibilidades à decolonização do conhecimento. Esses caminhos se fazem presentes no exercício da interculturalidade que busca o diálogo de saberes, possibilitando a reinvenção a partir da incorporação da cultura. Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre corpo-território (MIRANDA, 2020), interculturalidade (WALSH, 2001) e docência decolonial (WALSH, 2017), a qual nos faz compreender que a docência Tapeba é corpo-território que percorre caminhos da interculturalidade como alternativas de brecha a decolonialidade.

Palavras-chave: corpo-território; docência decolonial; interculturalidade.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

O povo Tapeba na luta por afirmação de sua cultura tem ganhado espaços significativos, reafirmando seu modo de existir. Adaptando-se ao modo de vida ocidental buscaram manter viva as memórias culturais de seu povo, como uma forma de resistência, usando suas ferramentas de luta na busca por uma educação de qualidade para seu povo.

Suas memórias trazem em seus corpos impressões de sua historicidade, atravessando seus territórios de luta, visibilizando as conquistas e perdas, evidenciadas nos marcadores de cada um dos corpos-territórios-docentes (MIRANDA, 2020). Essas memórias atravessam quem narra e quem é tocado pela escuta sensível de suas memórias que passam os caminhos formativos da docência.

Esses caminhos trazem seus marcadores, desterritorializando para o exercício da



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

interculturalidade, como possibilidades à decolonização do conhecimento, do olhar, das mentes, e com elas, abrir caminhos a uma justiça social.

Essas trajetórias são possíveis através da interculturalidade (WALSH, 2001) como alternativas de brecha, possibilitando mundos outros capazes de desconstruir os padrões verticalizados da docência eurocêntrica, num convite ao diálogo entre saberes, tensionando as estruturas que subalternizam os saberes indígenas.

A busca de compreender esses caminhos, a pesquisa da dissertação de mestrado levou-me a perscrutar o corpo-território da docência indígena Tapeba, adentrando o território da interculturalidade e para isso, seria necessária a desterritorialização do ser colonizador impresso no meu ser acadêmico, e assim, em uma escrita com e não sobre o povo Tapeba tenho percorrido esses caminhos dialógicos.

A troca de pele em mim é concebida, de forma distinta da docência Tapeba, pois elas trazem marcas de da historicidade, das lutas concebidas e da construção de uma trajetória de lutas presentes até hoje nas comunidades Tapeba.

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a interculturalidade presente no corpo-território da docência Tapeba, como um campo de possibilidades à decolonização do conhecimento.

Esses caminhos se fazem presentes no exercício da interculturalidade que busca o diálogo com os conhecimentos disciplinares, possibilitando a reinvenção a partir da incorporação da cultura.

MATERIAL E MÉTODOS

Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre corpo-território (MIRANDA, 2020), interculturalidade (WALSH, 2001), docência decolonial (WALSH, 2017), a qual nos faz compreender que a docência Tapeba é corpo-território que percorre caminhos da interculturalidade como alternativas de brecha a decolonialidade.

Nossa análise, tem como ponto de partida as narrativas docentes das professoras Tapeba, para compreender a interculturalidade presente no exercício da docência que abre caminhos alternativos à decolonialidade.

Realizamos conversas livres com professoras indígenas Tapeba da Escola Diferenciada Indígena Aba Tapeba. Essas conversas ocorreram via *google meet* com permissão de gravação, separadamente, bem como de forma presencial. A conversa possibilitou compreendermos os processos de lutas sociais presentes em seus corpos-territórios, imprimindo a interculturalidade em suas narrativas, configurando a dialógicidade da ancestralidade indígena na produção do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O povo Tapeba representa um dos muitos povos originários do nosso país que



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

seguem em luta por uma educação de qualidade que possa trazer melhores condições de vida às suas comunidades. Essa luta tem fortalecido o movimento indígena que cada vez cresce em protagonismo pelas conquistas já alcançadas, dentre elas tem relevância as escolas indígenas já existentes na rede municipal e estadual de ensino de Caucaia, totalizando 14(quatorze) escolas diferenciadas, fruto das reivindicações manifestadas nos movimentos indígenas que conquistaram espaços significativos na sociedade, afirmando a existência indígena Tapeba e fortalecendo sua luta. Segundo Tofoli:

A mobilização dos professores Tapeba em torno da educação diferenciada significou um marco na autonomia do povo em relação à ampliação do conhecimento dos direitos legais, da elaboração dos referenciais culturais do grupo e na valorização da auto-estima dos indivíduos.(TOFOLI, 2009, p. 217).

Muitos são os desafios a serem enfrentados desde cedo, mas encontram na força da historicidade dos corpos-territórios do seu povo o impulso necessário a incorporar as trajetórias de resistência por uma educação que possa dialogar com os saberes tradicionais do povo Tapeba.

Esses saberes trazem a vida de seu povo, são impressões de suas memórias, sua ancestralidade que perpassam séculos e permanecem vivas nas narrativas dos mais velhos, e deles para toda a aldeia.

Essas impressões, são corpo, são território demarcado na historicidade de vida da docência pelo experienciar, atravessando as encruzilhadas da docência indígena e sua necessidade de se materializar e atravessar outros corpos indígenas num processo de desterritorialização, num exercício da interculturalidade.

Nesse sentido, a docência ao narrar suas experiências na prática docente da escola diferenciada, expressa as linhas impressas no seu corpo-território, que já não é mais só seu, mas compartilhado permite trocas de saberes entre o narrador e o ouvinte, como alternativas de brecha aos caminhos da decolonialidade. Mas, o que é corpo-território?

“Corpo-território é um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa”.(MIRANDA, 2020, p. 25). Do conceito de corpo-território às histórias do povo Tapeba, podemos compreender a reconstrução das memórias que buscam alternativas possíveis ao rompimento das fronteiras que limitam. Corpo-território que também é um corpo-serpente, permite a troca de pele, desterritorializando o que já não cabe no território de outrora, desterritorializando para a interculturalidade. Desse modo, Miranda defende:

Corpo-território é um corpo-serpente que troca de pele a cada processo de desterritorialização das suas experiências, pois desterritorializar para a interculturalidade (WALSH, 2005) é expandir o conhecimento, as experiências, os saberes que não mais cabe no território anterior, com isso, troca-se de pele para potencializar o ciclo formativo da vida.(MIRANDA, 2020, p. 22).



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

A **troca de pele** representa a reinvenção, a reconstrução pelos atravessamentos da docência. A troca de pele abre possibilidades do alargamento de fronteiras a necessária desobediência epistêmica.

Conhecendo a história do povo Tapeba perceberemos os processos de troca de pele que possibilitaram sua reinvenção cultural e a maleabilidade da resistência que possibilitou caminhos outros para manutenção da cultura de seu povo. Nesse sentido, Felipe Tapeba em sua narrativa reitera:

Ser Tapeba está relacionado às necessidades de terras, reconhecimento social e busca de direitos. Na escola, além dos materiais convencionais, mostramos a essência indígena mostrando para o curumim, ao filho do branco que a cultura indígena está presente e que podemos viver bem em sociedade. (Narrativa oral, Felipe Tapeba, professor de Matemática da Escola Abá Tapeba, conversa livre, 18 jul. 2021).

A reinvenção cultural evidencia o modo de ser Tapeba e suas lutas, a escola imprime a cultura através da docência que encontra formas de trazer a cultura Tapeba ao palco com o conhecimento escolar.

A escola indígena Tapeba é portanto um território de lutas. A docência instrumentaliza as lutas indígenas através de seu corpo-território-docente tensionando as estruturas curriculares que tem o colonialismo como herança dos séculos de colonização.

Quais as brechas encontradas pela docência?

É o próprio corpo-território-docente indígena, o corpo narrado das experiências que traz a historicidade das lutas indígenas ao contexto escolar, incorporando a cultura no contexto disciplinar, desse modo, cada uma das disciplinas tem conexões com a cultura Tapeba. Esse não é algo simples de ser realizado, é um exercício de desobediência epistêmica, para manutenção da cultura, sendo portanto uma marca impressa da resistência do povo Tapeba e sua força ancestral.

Esses processos são possíveis nos percursos formativos trilhados, nos desafios descortinados, presentes na grande encruzilhada de saberes que coloca as múltiplas possibilidades e dentre essas, alternativas de brecha aos caminhos decoloniais. Essa troca de pele determina os lugares da memória que marcaram o território da docência indígena.

Perfazendo os territórios da docência, os caminhos da aldeia são o primeiro espaço de aprendizado dos saberes indígenas. Os mais velhos, a mata, o terreiro sagrado, a lagoa, os segredos que a mata possui são os primeiros educadores.

Nos caminhos da aldeia encontramos as vozes formativas da ancestralidade que iniciam muito antes da escola indígena. Os saberes tradicionais estão incorporados em muitos elementos da cultura Tapeba, constituindo por sua vez a trajetória inicial de cada educador.

A oralidade possui elevado poder de enunciação, através dela os mais velhos ativam os lugares da memória recortando-a, pronunciando múltiplos significados cosmológicos. A escuta sensível do outro, dá aos mais velhos o lugar devido de fala,



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

como lições incorporadas desde cedo.

Os saberes dos mais velhos são pontes ao caminho da ancestralidade, alimentando o percurso formativo do corpo-território-docente indígena. De acordo com Miranda, o corpo-território-docente compreende-se como: um agente político e disposto a duelar para legitimar a educação geográfica. (MIRANDA, 2020, p. 128).

Desse modo, como agentes políticos, a docência luta pela afirmação de seu povo, buscando formas alternativas de duelar contra as formas de opressão que subalternizam o povo Tapeba. Como exemplo desse processo de legitimação a narrativa da docente Joana Tapeba confirma:

A aceitação da escola indígena melhorou ao longo dos anos, pela formação dos professores que possibilitou uma maior qualidade no ensino, pois não é só ensinar a cultura, mas preparar nossos educandos para competirem em pé de igualdade com qualquer outro aluno. Antes existia o preconceito de que as escolas próximas falavam que na escola indígena não se aprendia nada, hoje temos escolas reconhecidas como a escola Abá Tapeba, reconhecida nacionalmente pela Unesco, isso tudo a partir de muita luta. A contratação de professores no início do ano é uma luta sempre pela diferença do calendário escolar do município com o calendário da aldeia, mas hoje o reconhecimento é muito maior. (Narrativa oral, Joana Tapeba, professora da Escola Abá Tapeba, conversa via plataforma meet, 07 maio. 2021).

A docência Tapeba fortalece seu percurso nos caminhos formativos, objetivando encontrar possibilidades que possam fortalecer as lutas do seu povo por uma educação diferenciada capaz de fazer o diálogo da cultura Tapeba com os conhecimentos disciplinares escolares. Esses percursos envolvem várias esferas da sua vida social, sendo a universidade e a escola apenas uma dessas esferas.

Compreender o corpo-território de seus atores sociais são um convite a mergulhar em suas histórias de vida e em seus textos corpos que narram suas memórias. Essas histórias passam pelos atravessamentos dos lugares da memória, determinando marcadores nos corpos-territórios-docentes. Silva corrobora: “somos atravessados por recortes, por “marca - dores” que marcam nossos corpos, produzem dores e determinam lugares”. (SILVA, 2020, p. 15).

Os marcadores são os atravessamentos sofridos no território da historicidade dos corpos da docência, a impressão de suas dores narradas em seus corpos, expressas em suas narrativas e lutas. Esses atravessamentos determinam lugares, marcam pontos da historicidade de cada um. Angela Tapeba relata sua trajetória inicial que paralelamente se entrelaçam com a história de seu povo:

Decidi ser professora quando ainda era estudante, iniciamos um trabalho voluntário, pois a maioria das pessoas da comunidade era analfabeta, e quando precisava só uma pessoa sabia ler, concentrando nela todas as atividades. Nessa escola, não ia ter diploma, era apenas para aprender, as turmas aconteciam embaixo de um pé de cajueiro, mangueiras, eram



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

três turmas, ensinei em uma turma de 1º ano. Essa riqueza de saber me ensinou tanto, quando o aluno tem sede de conhecimento, ele transforma e se transforma, porque ele contagia você com cada palavra que ele aprende. Na época das chuvas não funcionava. Aos poucos as turmas foram se dissolvendo porque começaram a surgir as primeiras escolas diferenciadas. (Narrativa oral, Angela Tapeba, professora Tapeba, conversa livre gravada, 19 jul. 2021).

Desse modo, as experiências vividas permitem atravessamentos do corpo-território indígena possibilitando a reinvenção. Suas lutas corporificam sua trajetória docente fortalecendo a resistência de seu povo. Concebemos que **corpo-território-formação** é um texto corpo que forma quem somos, que nos permite a quebra da estrutura interna pelos atravessamentos das memórias compartilhadas ao longo de nosso percurso formativo, percebendo que a docência só tem sentido quando todos têm lugar de fala e que o meu lugar não sobrepõe o do outro.

Assim, formo e sou formada, aprendendo na continuidade do processo de formação que somos um pedacinho do outro e o outro do nosso. Miranda define: “corpo-território-formação – itinerância inacabada que cotidianamente requer estudos, pesquisas, trocas e compartilhamentos tanto no âmbito acadêmico como nos espaços não escolares, ou seja, na incompletude cultural da vida”. (MIRANDA, 2020, p. 151).

Nesse bojo, os compartilhamentos, as trocas, as itinerâncias, são uma representação da constituição formativa da docência.

Um dos desafios colocados diante da docência indígena é como constituir caminhos interculturais frente a uma educação que privilegia uma matriz eurocêntrica?

Essas respostas encontramos nos caminhos das experiências dos povos originários, procurando tensionar o processo de aprendizagem, trazendo ao contexto escolar e acadêmico suas lutas, a cultura, seus saberes ao diálogo com o conhecimento.

Assim, desterritorializando as experiências, abrimos caminhos à interculturalidade. Por interculturalidade Walsh define:

La interculturalidad crítica debe ser entendida como una herramienta pedagógica, la que pone en cuestionamiento continuo la racialización, subalternización e inferiorización y sus patrones de poder, visibiliza maneras distintas de ser, vivir y saber, y busca el desarrollo y creación de comprensiones y condiciones que no sólo articulan y hacen dialogar las diferencias en un marco de legitimidad, dignidad, igualdad, equidad y respeto, sino que también - y a la vez - alientan la creación de modos “otros” de pensar, ser, estar, aprender, enseñar, soñar y vivir que cruzan fronteras. La interculturalidad crítica y la de-colonialidad, en este sentido, son proyectos, procesos y luchas - políticas, sociales, epistémicas y éticas - que se entretrejen conceptual y pedagógicamente, alentando una fuerza, iniciativa y agencia ético-moral que hacen cuestionar, trastornar, sacudir, rearmar y construir. Esta fuerza, iniciativa, agencia y sus prácticas sientan las bases de lo que yo llamo pedagogía de-colonial. (WALSH, 2001, p.

15).

A interculturalidade como ferramenta político-pedagógica oportuniza a busca de possibilidades decoloniais para construção de pedagogias de brecha necessárias à desconstrução de padrões de racialização e subalternização as quais têm sido submetidos o povo Tapeba.

A interculturalidade possibilita o diálogo de saberes entre as distintas formas de produção do conhecimento, incorporando saberes outros, onde não há conhecimento que possa sobrepor o outro, mas sim a formação de conhecimentos ressignificados. Nesse sentido, Walsh define:

Es un llamamiento de y desde la gente que ha sufrido un histórico sometimiento y subalternización, de sus aliados, y de los sectores que luchan, conjunto con ellos, por la refundación social y descolonización, por la construcción de mundos otros. (WALSH, 2012, p.65).

Assim, Walsh mostra alternativas possíveis à construção de mundos outros, caminhos outros, saberes outros, através da interculturalidade crítica, tensionados ao diálogo no encontro de conhecimentos.

A produção do conhecimento indígena do corpo-território indígena, evidencia em suas narrativas representações simbólicas da corporificação das lutas que atravessam sua historicidade, como textos vivos, textos corpos, que narram suas lutas, suas vitórias, na grande encruzilhada da produção do conhecimento.

Esses saberes dialogam, transmutam em saberes ressignificados, interculturalizados. Desse modo, os conhecimentos disciplinares geográficos são tensionados pelos saberes indígenas, corporificando as lutas indígenas na formação indígena. De acordo com a autora indígena Célia Xakriabá:

A sociedade carece de recuperar valores da relação com o espaço corpo-território. Precisa considerar o território como um importante elemento que nos alimenta e constitui o nosso ser pessoa no mundo, não sendo possível nos ver apartados do território, pois somos também parte indissociável dele, nosso próprio corpo. (XAKRIABÁ, 2018, p.80).

Xakriabá chama a atenção para a necessidade da identificação dos valores impressos no corpo-território indígena, identificados a partir da relação do poder de afirmação que as narrativas corporificadas têm na afirmação dos territórios epistêmicos indígenas.

Os valores impressos nessa relação, trazem a corporificação do modo de ser indígena nas suas narrativas, evidenciando a ancestralidade e resistência indígena, nas lutas da contemporaneidade.

Graúna corporifica o corpo-poema como território de narrativas das lutas indígenas, a partir do corpo narrado nas linhas tracejadas da literatura indígena, alimentadas pelo imaginário dos povos originários que evidenciam marcas da



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

resistência indígena, resistência essa poetizada, expressa nas narrativas interculturais dos povos originários, fazendo ecoar a voz estridente de seu modo de existir:

CARTOGRAFIA DO IMAGINÁRIO

...do meio da noite
ao meio do dia
o espanto do universo
retalhado em fatias
alimenta o poema
e a vertiginosa fome de vencer
o intrincado mundo das palavras
da noite ao meio dia
(a)talhos e fatias
dos muitos caminhos do mundo
alimentam
a cartografia do imaginário
do corpoema.
(GRAÚNA, 1999, p.69).

A poetisa indígena Graça Graúna, evidencia a potencialidade das palavras na formação de narrativas ilustradas em corpopoemas indígenas, denunciando os marcadores da historicidade indígena, possibilitando novas cartografias delineadas pelo imaginário indígena.

E nesse imaginário encontram-se evidências de uma relação com o território que representa vida em sua completude e o corpo em conexão com o cosmos e com o outro que pretende se comunicar.

A compreensão da conexão do corpo-território indígena nos espaços acadêmicos possibilitam caminhos possíveis a demarcação do território acadêmico, evidenciando saberes outros, corporificados nas lutas indígenas, evidenciando saberes impressos na constituição do processo formativo da docência indígena.

Nesse sentido, o corpo-território-docente evidencia na trajetória de afirmação docente indígena caminhos interculturalizados, como corpos de luta, corpos-território, narrando histórias coletivas de seu povo, incorporadas à constituição formativa da docência indígena.

Assim, nos atravessamentos das experiências docentes, saberes são construídos, oportunizando o diálogo com a diversidade, ultrapassando as barreiras invisíveis dos padrões verticalizadores hegemônicos do universo acadêmico, desnaturalizando essas relações por uma justiça social na universidade, dando possibilidades de decolonizar esses conhecimentos. De acordo com Miranda:

A formação docente deve abarcar um mosaico de dimensões epistemológicas com reverberações identitárias que oportunize ao corpo-território-docente ter um trato sistematizado com as questões da diversidade e da diferença.(MIRANDA, 2020, p. 148).



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Miranda chama a atenção para a diversidade epistemológica do processo de formação docente, possibilitando dessa forma o contato com a diversidade.

O diálogo da universidade com o corpo-território-docente indígena possibilita a visualização de alternativas que permitam rupturas, capazes de abrir frestas nos muros da exclusão, por caminhos epistemológicos distintos, capazes de dar espaço inclusivo na produção do conhecimento na universidade, abrindo caminhos a uma formação para a diversidade.

O que permite a transmutação da geografia colonial em geografia indígena, pelo contato com o saber interculturalizado, abre possibilidades a rupturas e reconstruções, na incorporação do ser docente indígena com o saber acadêmico em um processo formativo do corpo-território-formação.

O corpo-território-formação daria expressão às experiências de suas trajetórias pela impressão dos atravessamentos no processo de formação.

A formação indígena transportada pelos corpos docentes, iluminam saberes outros, como uma forma de interculturalização do conhecimento escolar, desabrochando memórias escondidas nos caminhos da invenção da docência comprometida com a causa das minorias.

A construção de caminhos epistemológicos distintos possibilitam o diálogo intercultural com a universidade, possibilitando o diálogo de saberes, na busca de caminhos possíveis para a decolonização dos conhecimentos acadêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência Tapeba traz em sua historicidade a impressão de seus marcadores na representação de seus corpo-territórios, como corpos narrados que evidenciam sua história de vida, possibilitando percorrer caminhos interculturais.

A interculturalidade possibilita caminhos alternativos à reconstrução da docência como alternativas de brecha a decolonização do conhecimento.

Esses saberes abrem caminhos epistemológicos outros, possibilitando pedagogias outras que dialogam com a diversidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestrado Acadêmico em Geografia pela oportunidade de desenvolver a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

TÓFOLI, Ana Lúcia Farah de. Retomadas de terras tapeba: entre a afirmação étnica, os descaminhos da demarcação territorial e o controle dos espaços. *In*: PALITOT, Estêvão Martins.(Org). **Na mata do sabiá**: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult/ Museu



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

do Ceará/ IMOPEC, 2009.
p. 213-230. Disponível em:
<https://muvic.files.wordpress.com/2009/08/008940-na-mata-do-sabia-miolo-2ed.pdf>.
Acesso em: 05 ago. 2022.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em:
<http://proex.uefs.br/arquivos/File/EBOOKcorpoterritorioeducacaodecolonialrepositorio.pdf>. Acesso em: 06 Ago. 2022.

SILVA, Karine de Souza. Insurgências contra-coloniais e a amefricanização da universidade. In: MORTARI, Claudia. WITTMANN, Luisa Tombini. (Org.). **Narrativas Insurgentes**: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos. Florianópolis: Rocha Ed., 2020.p. 10-17. Disponível em:
<https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2020/12/narrativas-insurgentes.pdf>
Acesso em: 10 set. 2022.

WALSH, Caherine. **La educación intercultural en la educación** . Lima: Ministerio de Educación, 2001. Disponível em:
https://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural_150569_4_4559.pdf. Acesso em: 07 Ago. 2022.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Correa. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Departamento de Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais. Brasília, 2018.

GRAÚNA, Graça. Cartografia do imaginário. In: **Canto mestizo**. Maricá/RJ: Bloocs Editora, 1999.